Sob o signo da santidade: o mito na indústria cultural

Glória Kreinz

Tancredo de Almeida Neves transpôs, em três meses, o espaço que separa o mito da realidade. Os veículos de comunicação de massa testemunharam a transformação. O limite entre a vida e a morte polarizou-se no signo da santidade. Mas afinal, como nasce o mito e qual sua significação em plena época da "indústria cultural"?

O nascimento de um mito liga-se a um desejo coletivo. Tem um alcance social, embora represente a soma de aspirações individuais. Para M. Eliade, escritor de *Mito e realidade*, "a função principal do mito consiste em revelar modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas".

É no contexto do anseio de renovação que se viu, através dos meios de comunicação de massa, a figura de Tancredo Neves perder o seu caráter individual e transformar-se em símbolo. Uma análise da produção dos veículos da indústria cultural atesta que quanto mais distante se tornava o homem, com o avanço da doença, maior contorno adquiria o mito. As revistas semanais e quinzenais permitem rastrear alguns aspectos desta construção. Representam um produto elaborado num prazo mais longo diante dos acontecimentos, em relação a jornais e televisão, e apontam a escolha de detalhes significativos, que resumem uma seleção de tendências.

Os periódicos publicados entre os dias 10 e 22 de abril, enfatizaram o sentido de martírio que adquiriu a estadia do Presidente no hospital, até sua morte. Mais do que o combate aos elementos reais ligados à saúde, interessou às publicações o significado emocional da questão. As manchetes de capa das publicações foram do seguinte teor: VEJA — "Dias de dor", AFINAL — "Dor demais", SENHOR — "Quanto desespero", MANCHETE — "O Brasil reza por Tancredo", FATOS — "A via-crucis de Tancredo", CONTIGO — "O país tem um novo santo, São Tancredo".

Tanto revistas consideradas de "prestígio", pelo caráter seletivo de sua produção, como revistas "populares", tipo CONTIGO, e AMIGA, dirigidas, em tese, a um público menos exigente em termos cognitivos, optam pela mesma linha de exploração da emoção. Como resultado o homem-presidente extrapola a condição humana, que o reduz e passa a existir sob o signo da santidade, ainda antes de sua morte. No signo, os significantes são as diferentes manifestações populares e o significado concretiza a aspiração coletiva de renovação e esperança do povo.

Os veículos de comunicação de massa, desde a televisão aos jornais, rádios e revistas, fortalecem a dimensão significativa, que nem a morte do Presidente consegue alterar. No nº 213 de SENHOR, a primeira matéria após o índice, tem como título: "Ganhamos um mito". Esta frase será repetida até à exaustão entre os dias que antecedem a morte de Tancredo Neves, até seu enterro do dia 24 de abril.

Desde a quinta-feira da Paixão, após a quarta cirurgia do Presidente, realizada um dia antes, até ao domingo de Páscoa, 7 de abril, o povo brasileiro viveu aquilo que a revista SENHOR, nº 212, chamou de "A vigília da ressurreição". O irmão do Presidente, Jorge de Almeida Neves, chegou ao hospital e declarou que estava muito preocupado e esperava a "ressurreição" do irmão, só acreditando naquela altura, em milagre. "Espero que ele não tenha de repetir o sermão das Sete Palavras: "Pai, ó pai, por que me abandonaste?". Religião e realidade fundem-se no signo da imolação/ressurreição, símbolo da fé católica.

O jornalista Alberto Dines, numa tentativa de conciliação entre o plano racional-político e o emocional-individual propõe, num box especial para a revista CONTIGO, nº 499, página 9: "Na véspera da festa o Destino bateu à porta e através dela arremessaram-se o inesperado, a angústia, a aflição e a dor. Nunca em nossa história desenrolou-se momento tão trágico — nem quando Getúlio Vargas matou-se com um tiro no coração. Se na história de "El Cid" a imagem do guerreiro serviu para animar suas tropas para uma vitória, em nosso caso, os bravos soldados da Aliança Democrática que acompanham Tancredo desde o início desta gloriosa jornada não têm outro caminho senão seguir à risca o projeto político que lhes permitiu a vitória: o entendimento, a conciliação e a transição democrática".

A invocação da figura de Getúlio, os elementos relacionados com a dor, o martírio, mostram que mesmo o jornalista experimentado em termos de indústria cultural, não minimiza o alcance que a figura de Tancredo Neves passou a ter. Em nível racional seria inútil contrapor-se àquilo que é força alicerçada no inconsciente coletivo. A arregimentação de idéias faz-se em torno da exploração eficiente do mito, considerando-se que este mito está alicerçado pelo elemento místico-religioso, o que o fortalece.

Não é o problema de vida ou morte que se coloca, porque o homem Tancredo deixou de existir nas páginas dos periódicos, e na voz popular. Surge agora a figura do Santo da Nova República, que em vida física ou espiritual era invocado e será invocado como o mito do Salvador da Pátria. A coincidência entre o dia de sua morte e a de Tiradentes, em 21 de abril, cria um vínculo que tem como elemento mediador a idéia de luta pela liberdade da Nação.

A Editora Três publicou uma revista-poster, sem data, que traz na capa, além do rosto de Tancredo, seu nome e os dizeres: O HO-MEM, O POLÍTICO, O SANTO. Hermano Alves, na revista AFINAL, nº 33, página 19, comenta em sua coluna as implicações da mitificação de Tancredo: "Eu conheci o Tancredo real, com suas aspirações, limitações, intenções. Querem agora criar um Tancredo mitológico, pai da Nova República, condestável da conciliação social e política, espécie de dom Sebastião que o povo sempre vai esperar, enquanto trabalha e sofre resignado."

É exatamente nas formas de utilização futura ou presente do mito, que se concretizarão os caminhos tomados por aqueles que existirem à sombra do nome de Tancredo Neves. Daí, poder-se-á julgar se o exercício de esperança do povo não foi traído. Uma análise dos produtos apresentados ao público pela indústria cultural, considerando-se as contradições existentes entre os diferentes interesses e modos de produção subentendidos nos resultados oferecidos, permitirá uma avaliação crítica da situação.

A RESSUREIÇÃO DE TANCREDO, O NOSSO
PRESIDENTE-ELEITO

Autor: Franklin MAXADO Nordeste

O povo brasileiro
Já respira aliviado,
Pois o nosso Presidente,
Apesar de acamado,
Passou por todo perigo
De que foi ameaçado.

Só mesmo um milagre
E foi isso que se deu.
Tancredo estava em coma
Nos braços lá de Morfeu
Na quinta santa passada.
Dizia-se que morreu.

Na mesa de operação,
Só vivo clinicamente,
Com cinco chagas no corpo,
Como Cristo penitente,
Sua alma subiu ao céu
Para ver o Onipotente.

Logo, Deus lhe ordenou:
— Tancredo! volte à Terra
E salve o seu Brasil
Pra não entrar numa guerra,
Pois você é o seu chefe
Na praia, mato ou serra.

— Você é um filho meu,
Como Jesus é também.
Nesta Semana tão Santa,
Sua morte não convém.
Só você salva o país
E realiza o seu bem.

O espírito de Tancredo,
Que é muito bom e fiel,
Ajoelhado e humilde,
Voltou para seu papel.
Retornou logo à Terra
Direto vindo do Céu.

Sexta-feira da Paixão.
Seu estado melhorou.
Para nesta Aleluia
E pra quem acreditou,
Tancredo está superando
E até já ordenou.

Mandou que todos ficassem
Trabalhando em confiança.
Que a lei e o Brasil
São a nossa esperança.
Ele traçou as reformas
Com a sua liderança.

Todo mundo ficou besta
Com a força de Tancredo.
Disseram que é de ferro
Mas é de fé e não tem medo.
Ele é de Minas Gerais
E de madruguar bem cedo.

Apesar de ser idoso,
É um cidadão troncudo.
Pros problemas do Brasil,
Ele tem muito estudo.
Pode fazer a união
E também comandar tudo.

Mesmo estando doente,
Já deixou tudo traçado
Pra fazer Democracia
E um Brasil melhorado
Que doutor José Sarney
Deixará executado.

Deverá nos dar Diretas
E nossa Constituinte.
Voto pro analfabeto
E até mais o que pinte
Para nos modernizar,
Virando o século XX.

Eu apoiei a Anistia
E também as Eleições
Diretas pra Presidente.
E estou com multidões,
Fazendo essa corrente,
Rezando as orações.

Eu apóio o Tancredo,
O nosso Cristo careca,
Que está sofrendo tanto,
Sarando de sua creca
Por não querer que seu povo
Seja, dos grandes, peteca.